

## **Cadernos Colaborativos: experiência de co-criação e formação em saúde**

Collaborative Notebooks: experience of co-creation and training in health

Flavia Liberman; Marcia Machado de Moraes; Viviane Santalucia Maximino

Universidade Federal de São Paulo

### **RESUMO:**

Processos de ensino-aprendizagem trazem inúmeros desafios, exigindo dos educadores reflexão constante sobre os modelos que os orientam. Além dos desafios técnicos, encontramos na formação em saúde a necessidade de desenvolver reflexão sobre conceitos e contextos, trabalho em equipe, escuta, sensibilidade, entre outros. Neste artigo, apresentamos os Cadernos Colaborativos enquanto dispositivo de produção e acompanhamento do processo formativo-criativo de alunos de graduação de Terapia Ocupacional na Universidade Federal de São Paulo. Tal experiência consistiu na produção dos Cadernos e na realização de narrativas pelos estudantes, no diário e ensaio fotográfico da pesquisadora. Possibilitou uma interferência neste grupo envolvendo diferentes linguagens: escrita, desenho, colagem, pintura etc., e nos levou a diferentes problematizações, entre elas: a potência deste dispositivo enquanto registro, elaboração e produção de pensamento, além dos embates provocados pela proposta colaborativa e em co-criação e questões que emergiram em relação à formação do profissional de saúde com seus desafios, potências e contradições.

**Palavras-chave:** Cadernos Colaborativos, Terapia Ocupacional, Formação

### **ABSTRACT:**

The teaching-learning processes bring numerous challenges in relation to their contents, methodologies and objectives, requiring educators to constantly reflect on the models that can guide this process. In health training, in addition to the technical challenges we find the need to develop reflection on concepts and contexts, teamwork, attentive listening and sensitivity, among others. In this article we present the “Cadernos Colaborativos”, which served as a device for the production and follow-up of a formative-creative process of students of the Occupational Therapy undergraduate course at the Federal University of São Paulo. This experiment resulted from a research-intervention process, which proposed to students the production of "Cadernos" in an intense co-creation exercise. This exercise was accompanied by narratives throughout and at the end of the project and diaries of the researcher, as well as photographic records of all stages of the process. The device allowed an interference in this group involving different languages: writing, drawing, collage and painting, among others. As a result, the authors discuss the power of this device to register, elaborate and produce thinking and the conflicts present in the group provoked by the collaborative proposal and in co-creation. Another issue discussed was related to the training of the health professional with its challenges, possibilities and contradictions.

**Key-words:** Collaborative Notebooks, Occupational Therapy, Training

## **Introdução**

*Amplíemos nuestros campos de acción: construir narrativas en las que arte, educación y vida sean inseparables, movernos, crear situaciones de cambio, vinculando estética y política (relación que consiste en interrumpir las coordenadas normales de la experiencia sensorial), pero teniendo en cuenta que arte y política no son dos realidades separadas. (Eraso, 2011)*

Muitas discussões têm sido realizadas em torno de temáticas voltadas à produção de conhecimento, às metodologias de ensino-aprendizagem e aos conteúdos oferecidos nos diversos níveis de escolaridade (AGUERRONDO, 2009; EÇA, 2017). No Brasil, por exemplo, mais especificamente no campo da formação em saúde a partir dos anos 1970, inicia-se um grande debate e crítica ao modelo positivista, que seria responsável pelas lacunas entre as habilidades dos graduados e as demandas do mercado de trabalho em constante mudança. Aponta-se, também, a falta de crítica dos egressos a respeito dos recursos materiais e das políticas institucionais que afetam a saúde em uma sociedade desigual. Como resultado desses debates, os currículos foram expandidos e novas disciplinas, tais como sociologia, psicologia e políticas de saúde, foram introduzidas para complementar a formação técnica. Além disso, a criação do Sistema Único de Saúde exigiu outra mudança de abordagem, pois as questões sociais tornaram-se ainda mais importantes. Nos anos 1980 e 1990, os educadores enfatizaram a necessidade de currículos que abordassem o trabalho em equipe multidisciplinar e ampliassem a discussão sobre o conceito de saúde, além de oferecerem oportunidades de ensino em cenários de prática.

Compreendendo a prática da formação do ponto de vista da relação entre a ciência e a técnica e/ou do ponto de vista da relação entre teoria e prática, podemos dizer que a primeira remete a uma perspectiva positiva e retificadora (compreende a educação como uma ciência aplicada), enquanto que a segunda refere-se a uma perspectiva política e crítica, onde cabe o trabalho de reflexão sobre a própria prática, sendo a educação compreendida como uma práxis reflexiva.

Todavia, o modelo da racionalidade técnica baseado na aplicação do conhecimento científico ainda prevalece e ocupa o espaço de outros aspectos importantes na formação. Nesta abordagem, as questões dos profissionais são tratadas

como problemas "técnicos", podendo, então, ser objetivamente resolvidas por meio de procedimentos científicos racionais. No entanto, observa-se que ao utilizar apenas a racionalidade técnica, os profissionais deixam de perceber variáveis importantes responsáveis por determinar o sucesso ou o fracasso dos tratamentos (DINIZ-PEREIRA, 2014). Tal modelo compreende, sim, uma dimensão a ser desenvolvida no processo de formação, mas que deve ser integrada à reflexão crítica sobre o contexto do sujeito da atenção, incluindo a rede de recursos, os fatores subjetivos de todos os envolvidos e questões ético-políticas, entre outros.

Visando superar essas dificuldades, o modelo da racionalidade prática desenvolvido por Dewey no início do século, e recuperado como semente para muitos educadores contemporâneos, concebe a educação como um processo complexo ou uma atividade modificada pelas circunstâncias, que só pode ser "controlada" por meio de decisões sábias tomadas pelos praticantes, ou seja, através de sua deliberação sobre a prática.

De acordo com essa visão, a realidade educacional é compreendida como muito fluida e reflexiva para permitir apenas uma sistematização técnica, onde os profissionais estariam no centro das ações, fazendo julgamentos baseados em seus próprios conhecimentos e experiências e nas demandas de situações práticas (CARR e KEMMIS, 1986). Neste sentido, Schön (1983) sugere que "uma epistemologia da prática está implícita nos processos artísticos e intuitivos que alguns profissionais trazem em situações de incerteza, instabilidade, excepcionalidade e conflito de valores", e afirma que a vida do profissional depende, na verdade, do conhecimento tácito que ele chama de "conhecimento em ação". Os profissionais não separam o pensar do fazer, usam a reflexão como forma de pesquisar e aprender no contexto prático, e suas ações não são dependentes de categorias teóricas e técnicas preestabelecidas. Ao contrário, constroem uma nova teoria a partir de cada caso. Deste modo, na visão de Schön, a reflexão-em-ação é central para lidar com situações práticas inesperadas e divergentes.

Há, também, o modelo de racionalidade crítica, para o qual a educação é historicamente localizada, acontecendo em um dado tempo e espaço. O campo da educação está profundamente ligado ao tipo de futuro que queremos construir, sendo, portanto, uma atividade social, ou seja, que traz consequências sociais, não sendo, em vista disso, apenas uma prática de desenvolvimento individual. Neste modelo, a educação é intrinsecamente política, pois afeta as escolhas dos envolvidos no processo, determina as relações entre os participantes, modela ou sugere situações sociais, dando

conteúdo e forma ao conhecimento (CARR e KEMMIS, 1986). No modelo de racionalidade crítica, a perspectiva é problematizadora.

Corroborando com esta perspectiva, Eça (2017) aponta que "nas sociedades ocidentais, onde supostamente vivemos na designada sociedade da informação, a noção de conhecimento é desafiada tanto nas ciências como nas humanidades". Impõe-se uma nova racionalidade baseada na complexidade das realidades sociais que nos caracterizam, em contraposição ao ideal clássico de racionalidade estruturado segundo o ideal de simplificação. Assistimos, assim, a uma maneira de compreender o mundo como sistemas dinâmicos, onde o conhecimento é visto cada vez mais não como uma realidade estática, mas como disrupção e inovação. Nesta perspectiva, não encaramos mais a procura de conhecimento como um percurso solitário. Devido ao seu caráter rizomático, o conhecimento é produzido em cooperação, trabalho de grupo e interdisciplinaridade, onde estão presentes a diversidade e a ambiguidade que moldam o seu processo de produção, numa cartografia coletiva que integra as várias realidades, as várias histórias dos seus agentes (AGUERRONDO, 2009; EÇA, 2017).

Larrosa (2014) propõe uma via alternativa, existencial e estética, não descartando o lugar das anteriores, a partir da qual é possível "pensar" a formação na perspectiva do par experiência/sentido. Neste caso, o "pensar com a experiência" é mais do que calcular ou raciocinar. Pensar é atribuir sentido a alguma coisa que nos acontece, ao que somos ou ao que podemos vir a ser. Talvez seja por isso que os modelos pedagógicos calcados apenas na transmissão de conhecimento pouco ou nada contribuem com a transformação do ser humano. Um jovem submetido à prática educacional cujo teor é a acumulação de informações não está sendo convidado a experimentar as situações, vivendo-as com o corpo e com os seus afetos, para com elas exercitar o pensamento. Experiência é o que nos passa, o que nos toca, o que nos afeta, nos acontece. É importante notar o pronome "nos" em contrapartida com a sua exclusão. Experiência não é o que acontece, mas o que "nos" acontece (LARROSA, 2014).

Em nossa sociedade, muitas informações passam por nós, mas poucas nos tocam. Estamos diante de uma grave questão em torno da supremacia da informação e do excessivo, que ocupam o lugar da experiência. Larrosa sublinha a necessidade de separar a experiência da informação, a fim de que se possa assegurar que algo realmente aconteça.

*A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um*

*gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2014)*

Isto posto, é possível reconhecer a existência de um debate inesgotável entre formas de conceber a formação do profissional.

Na esteira dessas ideias e como docentes no desafio permanente de questionar sobre modos de aprender e ensinar mais ancorados no mundo contemporâneo, buscamos aproximações e a criação de uma certa intimidade com os estudantes e entre eles, para que a experiência possa acontecer no ambiente formativo. Trata-se, neste sentido, de trabalhar com o cultivo da sensibilidade, de abertura dos canais de sensorialidade para aumentar a captação, percepção, sensação e maior consciência do que estão ao nosso redor: pessoas, materiais, objetos, ambientes, climas. Nesses processos buscamos acessar e exercitar diferentes dispositivos que de algum modo reúnam uma potência para promover encontros, mútua afetação, experiências, aprendizados.

Trataremos, neste artigo, de um desses dispositivos: os Cadernos Colaborativos, que serviram de dispositivo na produção e acompanhamento de um processo formativo-criativo de um grupo de alunos do curso de graduação de Terapia Ocupacional da UNIFESP, na disciplina Abordagens Grupais. Esta disciplina visa o estudo e a vivência de processos grupais, com foco na sua diversidade e possibilidades, a partir de conceitos que abrangem a compreensão dos fenômenos grupais, da noção de dispositivo, de interdisciplinaridade e de coletivos, do entendimento das populações-alvo, contextos, do uso das atividades e das funções do coordenador. Tal experiência, resultante de um processo de pesquisa-intervenção [aprovada no Comitê de Ética da UNIFESP sob número 0411/2018, juntamente ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido] que propôs aos estudantes a produção dos Cadernos, acompanhados pela realização de narrativas ao longo e ao final do projeto, um diário da pesquisadora e registros fotográficos em todas as etapas do processo, possibilitou uma interferência neste grupo e nos levou a diferentes problematizações, entre elas: a potência deste dispositivo enquanto registro, elaboração e produção de pensamento e experiência, os embates presentes no grupo provocados por uma proposta colaborativa e em co-criação e

algumas questões que emergiram deste processo em relação à formação do profissional de saúde com seus desafios, potências e contradições.

Selecionamos para este artigo alguns destes registros elaborados pelos alunos e pela pesquisadora, em composição com imagens que, neste texto, não têm um objetivo ilustrativo, mas pretendem afetar e dar visibilidade para a experiência, para explorar alguns desafios deste trabalho colaborativo na formação em saúde.

### **Um projeto Além Mar: os Cadernos Colaborativos**

Os Cadernos Colaborativos surgiram em Portugal, em 2005, a partir da proposta das artistas e professoras Teresa Eça, Emília Catarino e Anabela Lacerda de convidarem amigos para intervir plasticamente no que designavam "livros colaborativos". Posteriormente, juntaram-se ao coletivo C3, sediado em Santiago de Compostela, Espanha, que já desenvolvia ações em torno dos "livros de artista". Atualmente, o coletivo C3 integra pessoas de diferentes países (Portugal, Espanha, Brasil, Finlândia, entre outros) e tem se dedicado a pesquisar e propor interferências com projetos artísticos no campo da educação, da saúde e em outros contextos com diferentes comunidades. Entre os seus trabalhos, os projetos colaborativos envolvem comunidades em processos de co-criação.

O Caderno Colaborativo, designado também como Caderno Artivista, é uma prática artística usada tanto por artistas visuais quanto no meio poético e literário para partilhar anotações e reflexões, além de desenvolver interações entre os seus autores. Tanto no contexto da prática artística quanto da prática docente, a ação coletiva de intervir e refletir sobre um mesmo objeto ou tema, e de ser capaz de materializá-lo colaborativamente em coisas ou palavras não é comum. O Caderno Colaborativo é uma prática criativa necessariamente coletiva e tem como um dos objetivos, "democratizar a prática artística de desenhar, pintar, rabiscar e registrar graficamente ideias, pensamentos e sentimentos em cadernos". Estas coordenadas, realização coletiva e democratização das linguagens artísticas, nas margens de cá, nos mobilizou para realizarmos tal proposta no espaço acadêmico, a nosso ver, um ambiente fértil e importante para uma ação educativa e inventiva na interface arte, saúde e educação.

A realização de uma pesquisa acadêmica que pôde dar visibilidade, dizibilidade e produção de conhecimento no campo específico da Terapia Ocupacional e interdisciplinar, um projeto híbrido, produziu deslocamentos, demandando dos alunos-docentes-pesquisadores-participantes posicionamentos pouco exercitados: estar junto,

afetar e ser afetado pela singularidade e diversidade de cada participante, realizar uma produção em comum, lidar com o imprevisto do processo criativo, sair do protocolo de fazer trabalhos em grupo onde cada um faz uma parte, trabalhar com diferentes linguagens e mais do que tudo, autorizar os participantes a uma mútua interferência no trabalho uns dos outros, uma das prerrogativas postas nesta proposição.

Esta proposta “[...] convida-nos a ‘di-vagar’, no duplo sentido, isto é, ao vagar de um tempo a sós, com a folha de papel, e à divagação de uma linha que nela se espraia, em busca de sentidos múltiplos”, movimentos importantes na era da globalização, que pode produzir alienação midiática, e das *selfies* enquanto exaltação das aparências. “De vagar” e “divagar” são, assim, duas faces de um mesmo ato... Representam simultaneamente pausa/atenção e ação/divagação, visando “[...] contribuir para viragens no modo como nos relacionamos, não só com a arte, mas também com a vida, num sentido mais dilatado.”

*No se trata de crear un mundo nuevo, significa sencillamente reapropiarte de tu vida, abrir una ventana, que tu vida signifique otra cosa hoy, ahora, en este momento. Sentimos la necesidad de resistir activamente para crear otra narrativa de educación. [...] Somos hacedores de sueños, de objetos, de ideas... Y hagámos nos visibles!!! La idea que subyace detrás de todo esto reside en el interés por un saber compartido, un saber que fluye en lo interdisciplinario, y que se construye con el reconocimiento y la participación de lo diverso, lo extraño, y con la colaboración de muchos... Los proyectos se enmarcan en modelos de investigación y formación en consonancia con los valores contemporáneos que el arte y la vida reclama. (PARDIÑAS,2016)*



FIGURA 01: ... e com a colaboração de muitos...

A ideia dos Cadernos Colaborativos passa “pela democratização do gesto de desenhar ou de nos expressarmos e comunicarmos visualmente, enquanto seres humanos que partilham experiências de vida, em uma certa comunidade, convergindo ou divergindo do que é criado noutras, pois este projeto convida-nos também a pensar o local (os locais), no global.”

Podemos dizer que, apesar de realizarmos esta experiência no âmbito de uma disciplina em uma Universidade Federal em São Paulo, Brasil, nosso objetivo também foi situar tal proposta em um contexto mais alargado, além mar, além mundos, buscando que os participantes, na medida de suas possibilidades e corpos, pudessem trazer suas histórias, procurando conectá-las com as dos outros participantes, ou mesmo com os dilemas e inquietações comuns.

Em outra dimensão, a partir da chamada de que hoje a sensibilidade configura-se como um campo de batalha política do contemporâneo (BERARDI, 2011), esta prática artística coletiva tinha também como proposta possibilitar o exercício de diferentes linguagens (desenhar, colar, escrever, pintar...), com o intuito de ampliar a capacidade de reflexão sobre o que ali era "posto", e como possibilidade aos integrantes de experimentarem suas potências.

As reflexões coletivas nesse projeto são intrínsecas à experiência: a experiência das relações, de uma ação-poética coletiva, de um processo de co-criação e seus “fazimentos”, dos encontros e desencontros, como que comendo uma sinfonia carregada de imagens, memórias e afetos, e movendo outros modos de fazer, assim como novos sentidos, inclusive do que se pode entender por saúde como “afirmação da vida” (COSTA; BERNARDES, 2012).

### **Nas margens de cá: a produção dos Cadernos Colaborativos**

“Os alunos sentam-se em fileira, numa sala que nos convida a sentar em volta da mesa. Há outro espaço no Laboratório, vazio, que pode ser ocupado de diversas formas: há colchonetes, janelões... Ao iniciarmos, a docente solicita que os alunos sentem-se em roda. Os alunos se apresentam, um a um, contando sobre 'uma pequena alegria que teve no fim de semana'. Observei que a maioria das pequenas alegrias se referiam a encontros [...]. Agora, minha vez. Apresento-me falando pouco de mim, mas mais de como é que nos apresentamos para as pessoas, e como isso muda conforme o contexto. Prefiro falar a respeito do que observei sobre o encontro predominar como uma pequena alegria para maioria do grupo... Apresento minha proposta de pesquisa” (diário da pesquisadora)

Na composição dessa proposta, foram dedicadas cinco aulas exclusivas para a

produção dos Cadernos Colaborativos, num curso semestral constituído por aulas semanais. Foi oferecido também, um breve encontro a cada um dos três sub-grupos com a pesquisadora, além do horário de aula, para um acompanhamento mais próximo. Os grupos também receberam orientação para se encontrarem fora da universidade, caso desejassem ou necessitassem.

O desenvolvimento do trabalho deu-se a partir de algumas condições e orientações gerais, além de ter sido contemplado por rodas de conversa, exploração de livros os mais variados, seja em seu formato, em sua linguagem, língua etc., alimentando o repertório dos participantes, e também a partir do compartilhamento de experiências. Isso possibilitou que o processo criativo dos Cadernos Colaborativos acontecesse das mais variadas formas, dependendo de cada grupo, de seu momento, dos desejos, ideias e condições dos alunos.

A questão inicial do trabalho era como elencar um tema-conteúdo comum e reconhecido pelos participantes para o fazer junto e a ativação de um coletivo no processo formativo-criativo.

No primeiro contato que a pesquisadora teve com o grupo, observou uma angústia generalizada dos estudantes em relação à falta de tempo para desenvolver suas atividades acadêmicas e compromissos extra-acadêmicos, o que chamou a sua atenção, pois o semestre mal havia iniciado. Os alunos queixavam-se da existência de uma quantidade excessiva de tarefas, como se seus professores não se organizassem em conjunto ao solicitarem o seu cumprimento. Muitas vezes, o professor, sobrecarregado, acaba por transferir aos seus educandos essa mesma lógica de funcionamento.

Como apontado anteriormente, a falta de tempo é uma situação problemática relacionada à experiência. Tudo passa depressa, subtraindo o lugar do processo, de um tempo composto de passado, presente e futuro. Da mesma forma que a falta de tempo é real, também tem sido frequente observar nos jovens certa dificuldade em lidar com o tempo das coisas, por exemplo, com o tempo da espera, dos processos, das transformações. O tempo é cada vez mais o tempo do imediato. Para este sujeito do estímulo imediato, tudo o atravessa, o excita, o agita, mas pouco lhe acontece. Falta-lhe o silêncio, a memória, o foco.

A partir da observação de que o tempo parecia ser realmente uma questão para este grupo de alunos, foi pertinente propô-lo enquanto tema a ser explorado nos Cadernos.



FIGURA 02: o deus Tempo, performance criada pelos alunos no encontro intitulado ativando os sentidos

“Me marcou muito a escolha do tema; o tempo esteve latente como assunto desde a primeira aula, e já era algo que o grupo carregava desde o início do curso. Quando criamos o deus Tempo com materiais nada óbvios e olhávamos uns para os outros com a certeza de estarmos falando a mesma língua, senti uma conexão rara.” (narrativa de uma aluna)

### **O artefato-caderno**

“Práticas colaborativas. Um objeto-caderno desloca-se entre diferentes mãos, corpos, e acontece uma prática de co-criação , colaborativa, rizomática que se expande. A classe composta por cerca de 30 participantes é dividida em três grupos que se dedicam a produzir cada qual o seu 'caderno do grupo'. Quem se desloca é o artefato-caderno. São

muitas as possibilidades de participação e modos de entrar neste movimento rizomático a partir dos contextos, desejos e possibilidades, mas há alguns protocolos que guiam, o que me parece bom...” (diário da pesquisadora)



FIGURA 03: alunos explorando diferentes objetos-livros

O processo de produção dos Cadernos Colaborativos foi iniciado com um encontro que tinha como propósito de “acordar” os sentidos, uma vez que tal proposta de criação implica o emprego de diversas linguagens, a partir da audição de uma música do compositor Arnaldo Antunes, “Que me continua”...

[...] Se sou um fruto, me roa.  
Se viro um muro, me rua.  
Se te machuco, me doa.  
Se sou futuro, evolua.  
Você que me continua.  
Você que me continua.[...]  
[...] Se eu agonio, me alivie.  
Se me entedio, me dê rua.  
Se te bloqueio, desvie.  
Se dou recheio, usufrua.  
Você que me continua.  
Você que me continua.[...]

“Essa música consegue dialogar imensamente com o propósito dos Cadernos Colaborativos e com as aulas do módulo Abordagem Grupal, visto que o outro pode enriquecer nossos modos de vida, provocando transformações no nosso modo de agir e relacionar.” (narrativa de um aluno)



FIGURA 04: uma audição

A conversa sobre a música e sobre as reverberações do encontro anterior, apresentação da proposta, possibilitou a abertura para a escuta das expectativas, anseios, desejos, medos etc., dos participantes; e a exploração e uma composição livre com alguns materiais inusitados disponibilizados, tais como conchas, penas, pastilhas de vidro, sementes, palitos de madeira, embalagens de brigadeiro, tecidos, bijuterias etc., propiciando o deslocamento da ideia do artefato-caderno, composto de folhas de papel e capa, para outras possibilidades.

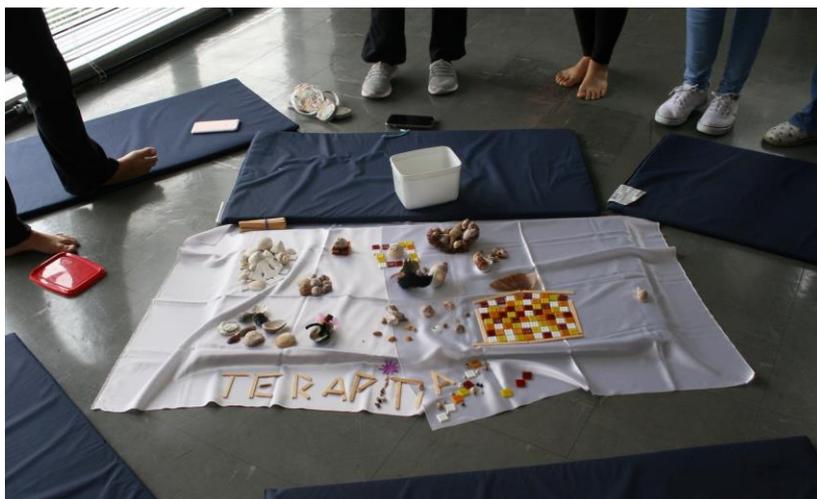


FIGURA 05: composição criada pelos alunos de um dos grupos no encontro ativando os sentidos

Os encontros seguintes destinaram-se à produção propriamente dita dos Cadernos. As instruções dadas foram baseadas no “Manual de Instruções dos Cadernos Artistas” (EÇA, 2017), com algumas alterações de acordo com o contexto desta proposta:

1. Crie um caderno
2. Uma vez concebido, “folhear, ver o contributo dos outros autores. Observe as páginas, acaricie as texturas, o toque dos papéis, cheire, aprecie as mensagens nas suas superfícies, deixe-se emocionar pelas vivências e pelas sensações aí evocadas.”
3. “Faça um desenho, colagem, pintura ou outra intervenção plástica em folhas de papel. Experimentando o fluir da linha, da cor, da mancha, explorando as texturas, sobrepondo, rodando, invertendo, cortando, contrastando, justapondo imagens, textos, letras, transparências, repetindo, exagerando, amontoando, sintetizando; trabalhando obsessivamente o campo, a sonoridade, a sensualidade das imagens que teimam em emergir da superfície. Não ter medo do excesso; da metáfora; da metonímia, deixar fluir os sentimentos à medida que vai compondo as partes e o todo, explicando momentos intensamente pessoais, evocando matizes, vivências, sensações. Não ter medo de registar ou deixar aparecer o registro mesmo que não pareça nada de importante.”
4. “Deixe o caderno para ser continuado por outra pessoa. Sendo assim, o caderno artista, para além de ser um espaço narrativo, é também um lugar intemporal,

um território de contemplação, um universo de reflexão partilhada onde, na solidão de cada um, encontramos a memória dos outros.”



FIGURA 06: continuando o caderno guarda-chuva

“As produções individuais dos integrantes do grupo foram, aos poucos, sendo incorporadas ao guarda-chuva, fazendo com que a função única e bem estabelecida do objeto anterior se tornasse múltipla, e produzisse novos significados, a partir de cada novo olhar e intervenção.” (narrativa de uma aluna)

### **Nem meu nem seu: deslocamentos no “fazer junto”**

[...] Se ando cheio, me dilua.  
Se estou no meio, conclua.  
Se perco o freio, me obstrua.  
Se me arruinei, reconstrua.  
Você que me continua.  
Você que me continua.[...]



**FIGURA 07:** você me continua

“Acredito que tenha um pouco de mim em cada página, e em toda criação.” (narrativa de uma aluna)

Os Cadernos Artivistas enquanto proposta de intervenção comunitária colocam em questão, de um lado, os limites dos conceitos de autoria e identidade (individual e coletiva), e por outro, a qualidade das relações em torno das questões de saber/poder, da intimidade e da confiança etc. Estes temas também são caros à formação em saúde na medida em que este estudante e futuro profissional está sempre em relação.

“Um dos aspectos mais interessantes foi o rompimento com a ideia de autoria e individualidade, dado que a intervenção é feita continuamente no trabalho dos outros participantes.” (narrativa de um aluno)

Esta que parece uma pequena e sutil coordenada indicada no manual de realização dos cadernos – interferência mútua em um processo de co-criação – influenciou significativamente as ações e/ou reações no grupo, e provocou discussões que resvalaram na questão dos encontros e desencontros; particularmente nos fez pensar sobre as relações de um profissional da saúde (mesmo em formação) com os sujeitos “a serem cuidados”.

“Conseguí observar no caderno uma intervenção de complemento e não uma

intervenção de rompimento. Foram adicionadas coisas de acordo com o contexto daquilo que já havia sido criado, complementando as ideias e formando algo maior. Consegui observar no grupo o cuidado com o trabalho do próximo e, conseqüentemente, com seus sentimentos diante daquela intervenção. Muitas vezes ouvi: 'posso fazer isso na sua folha?' Acredito que como uma ideia de respeito e cuidado. Isso para mim foi importante, pois pude perceber e sentir que até na oportunidade de se rasgar ou passar uma tinta preta em cima do trabalho de outra pessoa, a união, respeito e apoio que temos enquanto grupo foi mais forte; optamos por não interferir de forma brusca e possivelmente negativa no trabalho de ninguém. Talvez isso seja uma característica da turma de Terapia Ocupacional, esse cuidado com a dedicação alheia, ou talvez isso seja característico de cursos da área da saúde. Interessante perceber que ambos promovem o cuidado e se importam com os sentimentos alheios, buscando não atravessá-los ou não gerar uma situação desconfortável para quem está diante de nós." (narrativa de uma aluna)

A fala da aluna indica uma articulação entre a experiência com os Cadernos e a expectativa de uma atuação profissional forjada na formação, mas também pautada por um imaginário social. Ao se referir a uma intervenção de complemento em oposição a uma intervenção de rompimento associa o cuidado e o respeito a ações de continuidade e de concordância com o outro. Qualquer oposição ou novidade parece ser vivida como ruptura e portanto descuido, desrespeito, não desejável em uma atuação em saúde.

O medo de "invadir" o espaço do outro, um certo discurso de hipervalorização das autorias, da individualidade e da liberdade de escolha muitas vezes podem impedir o profissional de intervir, quando, então, podemos perguntar: há intervenção sem algum tipo de deslocamento no encontro entre profissional e sujeito do cuidado? Há também, o receio de que a interferência possa "destruir" o vínculo. Por outro lado, as intervenções prescritas e esperadas (técnicas), garantiriam uma neutralidade e uma validação como uma ação de cuidado.

Podemos perguntar que noção de cuidado está sendo construída na formação em saúde? Partindo da ideia de que há diversos modos de produzir saúde haveria, então, diferentes formas de cuidar da saúde? Todos nós sabemos o que é cuidar e o que é ser cuidado, ou seja, cuidar uns dos outros é algo que pauta as nossas relações como seres humanos. Sabemos também, que o profissional da saúde dispensa cuidados profissionais, sob uma perspectiva ética e técnica. No entanto, qual seria a fronteira entre os cuidados profissionais e não profissionais? Quais as diferenças entre ambos? Teriam algo em comum também?

A experiência vivida com esse grupo de alunos, futuros profissionais da saúde nos chamou a atenção, no âmbito da formação, para a necessidade de se discutir e

aprofundar as questões acima e aquelas que emergiram ao longo do processo de produção dos Cadernos, em torno da intervenção. E como nesta situação específica o foco não estava voltado ao que podemos chamar de conhecimento técnico, o destaque ao cuidado, a partir das variadas ações e reações dos alunos à intervenção, volta-se, então, ao "viés relacional do cuidado profissional: neste âmbito, não são procedimentos ou protocolos que cuidam, mas quem os realiza o tipo de encontro construído: o cuidado em saúde se dá no âmbito de uma relação" (MERHY *apud* CASETTO et al., no prelo). Considerando, então, que a intervenção se dá na relação, a cada intervenção, ou não, há a expectativa do profissional sobre a adesão, ou não, de seu paciente, sobre o projeto terapêutico a ele indicado. Sem dúvida, questões como a responsabilidade depositada no profissional, o que certamente influencia na sua atenção às demandas, mesmo que não explicitadas, e nas decisões a serem tomadas, devem ser abordadas no âmbito da sua formação. O profissional, em sua atuação, está diante de duas posições: interpelar seu paciente ou reservar-se, aceitar seus movimentos, respeitar o seu tempo. Tais questões são recorrentes no cuidado em saúde. paciente ou reservar-se, aceitar seus movimentos, respeitar o seu tempo. Tais questões são recorrentes no cuidado em saúde.

Em outro contexto, encontramos ocorrências semelhantes em relação à intervenção nas experiências realizadas por algumas das idealizadoras do Projeto "Cadernos Artivistas", e que corroboram com as nossas observações do processo em nosso caso. Eça e Saldanha (2018), em suas reflexões na terceira fase do projeto, quando no lugar do livro encadernado *à priori*, folhas soltas poderiam ser agrupadas formando um caderno, discorrem sobre a condição de viajante dos mesmos, ou seja, de serem continuados, alterados e transformados por outras pessoas:

*Curiosamente tal quase nunca aconteceu, os autores não alteraram as páginas anteriores, por respeito pela obra do outro. Os cadernos guardaram todas as singularidades respeitando a multiplicidade de registos. Esse respeito impediu que o caderno fosse trabalhado como um todo, a colaboração ficou assim restringida à sua forma mais simples: adicionar. Ninguém rasgou folhas anteriores, ninguém cortou ou colou no trabalho dos outros, Enfim, ninguém; ninguém ousou transformar folhas já realizadas, talvez que se tivéssemos dado instruções precisas sobre essa possibilidade, os cadernos tivessem sido diferentes. Trabalhar em cima das obras feitas pelos outros é um processo que pode parecer pouco ético. Mas será que a colaboração, no sentido artístico não seria mais interessante se tal tivesse acontecido? Mas, como superar o medo de invadir a autoria do outro? O projeto não nos deu respostas para esse problema. O sentido colaborativo que buscávamos não o encontramos no processo de elaboração das folhas, que foi sempre singular, mas sim no processo de encadernação e de visualização onde se compunha a multiplicidade. (EÇA; SALDANHA, 2018)*

Pudemos observar que, em nossa experiência, esta questão ética foi explicitada por alguns dos participantes ao utilizarem em suas narrativas palavras como “adicionar”, “continuar”, “interferir”, “respeitar”, “complementar”, “rasgar”, “tinta preta”, “rompimento”, ao se referirem às intervenções realizadas (ou não), o que denota seus vários sentidos no projeto. De um lado, para alguns alunos, estes atos se configuravam como “destruição”, desrespeito, invasão, enquanto que outros viviam de maneira desafiadora e positiva a possibilidade de interferir no trabalho uns dos outros, de experimentar um processo de co- criação.

“O processo criativo a partir do zero [...] fluiu de maneira leve e tranquila. Já quando passamos para a parte das intervenções, senti, a princípio, a sensação de resistência ao intervir nas demais páginas, ultrapassar essa linha foi o maior desafio, a insegurança de 'destruir' a arte feita por outra pessoa fazia com que me sentisse desconfortável e não muito 'bem vinda' ao fazê-lo. A partir do momento em que o fiz, foi um caminho sem volta, passei a mexer em tudo, mudar tudo, queimar uma página, pisar em outra, molhar uma terceira a por aí vai. A primeira sensação foi embora em questão de segundos, deixando em seu lugar um sentimento gostoso de 'Como será que eu posso deixar a minha interpretação desta página aqui?' 'Como eu posso deixar a minha marca?' Assim que eu respondia à essas questões internamente, já começava os trabalhos despejando meus sentimentos de formas, muitas vezes, abstratas sobre os papéis. A sensação final, surpreendentemente, era de liberdade. Aquela frase famosa que diz que minha liberdade acaba quando a do outro começa, definitivamente não se aplica à confecção de Cadernos Colaborativos.” (narrativa de uma aluna)

Estes sentimentos, por vezes contraditórios, também são explicitados em relação às considerações das docentes, quando estas comentaram sobre as dificuldades de intervir no trabalho uns dos outros, ao longo do processo. Alguns alunos viveram esta interferência como algo crítico, “destrutivo” e até desmotivador, ao invés de colaborativo. O mesmo receio que viveram entre eles é transferido na relação com estas, apesar de a prática da apreciação e expressão de sentimentos e idéias ser algo bastante estimulado e exercitado na disciplina.

“Vimos as interferências como algo construtivo, e não destrutivo, e nossas intervenções foram criticadas (pelas docentes) por isso, dando a sensação que a espontaneidade do projeto já não existia mais, que não tínhamos liberdade de interferir do nosso jeito, até então mais delicado, e isso piorou o envolvimento do grupo no projeto, desmotivando-o mais.”(narrativa de uma aluna)

“Em relação ao caderno colaborativo, acredito que a coordenadora do projeto, Marcia, esperava algumas atitudes 'bruscas' ou de 'maior ação' Não sei como colocar esse termo, mas acho que contava com os rasgos de papéis e outras formas de intervenção diferente

das usuais. Ao meu ver, tal atitude seria de desrespeito com o trabalho alheio e acredito que a maioria tenha se sentido desconfortável em fazer o mesmo, por isso nenhuma atitude semelhante foi tomada.”(narrativa de uma aluna)

E mais, observamos, também, que alguns alunos viveram o processo criativo atravessados por sentimentos ambíguos, reconhecendo dificuldades e ganhos, como é possível conferir abaixo:

“A experiência dos cadernos está estimulando a minha criatividade de modo que haja um esforço pessoal para que o resultado final do trabalho grupal seja satisfatório para todos, por isso, interferir na produção de outra pessoa não tem sido tarefa fácil. Apesar de saber que todos estão cientes que terão suas obras interferidas, me preocupo em ser responsável por desconstruir/alterar o que era esperado pelo primeiro autor da produção sobre qual seria o resultado final desta.”(narrativa de uma aluna)

O que vem a ser este respeito, este cuidado que afasta os corpos, que inibe ações que poderiam ser criativas a partir de, por exemplo, rasgar o material, pintar de preto em cima do desenho do outro, transformar aquilo que foi iniciado?

Encontramos uma narrativa que nos faz inferir sobre a dificuldade para realizar um trabalho coletivo e colaborativo - o dispositivo dá visibilidade e ao mesmo tempo permite o reconhecimento dos modos de funcionamento dos participantes, pois expressam suas histórias, seus estados, seus dilemas, que transcendem a própria formação em saúde.

“Durante as aulas percebi que ainda estava com muita dificuldade de lidar com grupos, até que um momento uma das professoras conversou comigo sobre a minha participação durante as aulas, e foi um chacoalhão pra mim. Vi que não estava totalmente presente na aula, não aproveitando como deveria a oportunidade, e nem me posicionando em nenhuma tarefa ou conversa. Uma das frases que me marcou também foi sobre a dor e a vida, anestésias e banalizar, por conseguinte isso me fez perceber que estava num estado anestésico e não estava me deixando afetar totalmente pelas experiências que as aulas estavam oferecendo.”(narrativa de um aluno)

“Outro fator que me ajudou a enxergar isso foi olhar um livro tradicional japonês, me afetou de tal forma que mudou até o corpo 'A experiência muda o corpo', e nesse caso não é só o corpo físico. Fiquei contente de ter entrado em contato com uma cultura completamente diferente do ocidente, com uma linguagem que eu não compreendia e mesmo assim consegue produzir afetos, então a partir desse momento os Cadernos Colaborativos começaram a fazer mais sentido pra mim.” (narrativa de um aluno)

Para além dos estímulos e condições oferecidas para o desenvolvimento de um bom trabalho, o sujeito da experiência, exposto à experiência enquanto travessia e afetação, enquanto exposição às incertezas, ao desconhecido, encontra-se receptivo e aberto à transformação, sendo que sua própria força expressa-se produtivamente em forma de um saber distinto do saber científico e do saber da informação, e em forma de uma *práxis* distinta da *práxis* da técnica e do trabalho. Larrosa diz que o saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana, e não em um sentido de apropriação utilitária. O sujeito da experiência é definido então, não a partir da sua atividade, mas pela abertura para ser transformado pela própria experiência. Diz-nos Larrosa (2014):

*Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. [...] Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular [...] que revela ao homem concreto e singular [...] o sentido de sua própria existência, de sua própria finitude.”*

Este saber não está fora de nós, como no caso do conhecimento científico, tendo sentido como algo que configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade, uma forma de estar no mundo, que é uma ética e uma estética, literalmente encarnado. A referência aqui é sua qualidade existencial, isto é, a sua relação com a vida singular e concreta de um ser, uma vida contingente e finita, cujo sentido vai sendo construído e destruído no viver mesmo. Neste sentido, a experiência é necessariamente singular, produzindo diferença, heterogeneidade e pluralidade e tendo uma dimensão de incerteza que não pode ser descartada ou reduzida.

“Mas num todo, criar o Caderno Colaborativo foi muito bom, criei um laço com as integrantes do grupo, diferente do que já tínhamos. Um laço mais de apoio e conhecimento, não sei expressar em palavras. E além do grupo, através dos meus desenhos, poemas e frases, eu pude me conhecer e me expressar melhor, de maneiras

que jamais me expressaria se fosse em uma roda de conversa com o mesmo grupo; acredito que essa forma de expressão dá mais liberdade. Confesso que no começo da produção me senti angustiada por não ter os mesmos dotes que minhas colegas tinham de desenhar, e as habilidades com coisas manuais. Porém, me lembrei que a escrita, minha amiga de vários anos, poderia me ajudar naquele momento de criação. Aprendi que todas as criações são belas, todos os traços e rabiscos são únicos, estão ali e de alguma forma querem nos dizer algo ou não. Comecei, então, com uma ideia de um desenho com tintas, mas enquanto fazia, fui mudando à medida que as emoções vinham. Agora eu percebo que foi um processo no qual intervi em mim mesma, de acordo com minhas emoções. Foi muito interessante perceber isto, pois não só as intervenções em grupo aconteceram como também a intervenção que ocorreu em nós mesmas ao longo dos encontros.” (narrativa de uma aluna)

### **Considerações finais**

“Algo tão simples, mas que modifica e desloca tanta coisa dentro da gente [...].”(narrativa de uma aluna)

Caminhar, percorrer, andar são verbos próprios daquele que se coloca em terras e mundos estranhos a ele, a serem desvelados, descobertos, recriados e reinventados, “no encontro, sempre no encontro”. Nesse sentido, a formação coloca-se enquanto direção para fora, procurando libertar o nosso olhar, nosso corpo, ajudando-nos a nos tornar atentos, a prestar atenção em nós e no mundo, onde um jogo dinâmico acontece entre o sujeito e o objeto da atenção. Sem dúvida, isto requer uma abertura para a transformação e autotransformação, pois o encontro entre este sujeito que conhece e o que se mostra a ele engendra e instaura outro sujeito e outro mundo.



FIGURA 08: um pequeno grande gesto

Nessa experiência, não foram necessários muitos equipamentos ou tecnologias para a criação dos artefatos-cadernos, muito pelo contrário. A sofisticação se deu principalmente nas ações que nos convocaram ao deslocamento, feitos de pequenos gestos como desenhar, escrever palavras, colar figuras, pintar, recortar imagens, construir formas, conversar, pensar junto, problematizar e se expor, entre muitas outras.

Podemos dizer que a experiência foi marcante e que os Cadernos Colaborativos puderam “arranhar”, ora mais, ora menos, modos de aprender e produzir conhecimento (processo muitas vezes predominantemente solitário), pois tinha como diretriz a vivência de um trabalho coletivo e colaborativo: uma experiência de co-criação. Este dispositivo ofereceu aos participantes a possibilidade de explorarem diferentes linguagens para o registro, expressão e produção de pensamento, afetos e ação, e também nos proporcionou avistar tensões, dificuldades e contradições presentes em uma formação em saúde que se propõe sensível e inventiva.

### **Referências**

AGUERRONDO, Inés - Complex knowledge and education competences, [http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user\\_upload/Publications/Working\\_Papers/knowledge\\_compet\\_ibewpci\\_8\\_en.pdf](http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user_upload/Publications/Working_Papers/knowledge_compet_ibewpci_8_en.pdf), acessado em 05 de fevereiro de 2019.

- BERARDI, Franco. A sensibilidade é hoje o campo de batalha político, [https://bocadomangue.wordpress.com/2011/01/30/ “a-sensibilidade-e-hoje-o-campo-de-batalha-politico”/](https://bocadomangue.wordpress.com/2011/01/30/“a-sensibilidade-e-hoje-o-campo-de-batalha-politico”/), acessado em 15 de março de 2019.
- CARR, Wilfred e KEMMIS, Stephen. *Becoming critical: education, knowledge and action research*. London: The Falmer Press, 1986.
- CASOTTO, Sidney José et al. O cuidado não existe; modos diversos de cuidar na atenção básica em saúde. No prelo.
- COSTA, Márcio Luis e BERNARDES, Anita Guazzelli. - Produção de saúde como afirmação de vida, [https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/resource\\_ssm\\_path=/media/assets/sausoc/v21n4/v21n4a03.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/resource_ssm_path=/media/assets/sausoc/v21n4/v21n4a03.pdf), acessado em 22 de fevereiro de 2019.
- DEWEY, John. *A arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Da racionalidade técnica à racionalidade crítica: formação docente e transformação social. *Revista Educação e Sociedade*, vol.1, nº1, 2014.
- EÇA, Teresa. Mochila de sobrevivência: Algumas Reflexões sobre as Aprendizagens na Agenda Educativa do Milénio, [http://www.revistadobra.pt/pc\\_teresaecedila.html](http://www.revistadobra.pt/pc_teresaecedila.html), acessado em 05 de fevereiro de 2019.
- EÇA, Teresa. Cadernos ARTIVISTAS/Livros de artista como proposta comunitária, <https://sharingketchbooks.wordpress.com/2018/01/04/1802/>, acessado em 05 de fevereiro de 2019.
- EÇA, Teresa; SALDANHA, Angela. - Cadernos ARTIVISTAS/Livros colaborativos, <https://sharingketchbooks.wordpress.com/2018/01/16/cadernos-artivistas-livros-colaborativos/>, acessado em 05 de fevereiro de 2019.
- ERASO, Santi. Arte, cultura, ética y política, <http://santieraso.wordpress.com>, acessado em 22 de fevereiro de 2019.
- KELEMAN, Stanley. *Anatomia emocional*. São Paulo: Summus Editorial, 1992.
- \_\_\_\_\_ *Amor e vínculos*. São Paulo: Summus Editorial, 1996.
- \_\_\_\_\_ *Padrões de Distresse*, São Paulo: Summus Editorial, 1997.
- LARROSA, Jorge. *Tremores; Escritos sobre Experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- LIBERMAN, Flavia. *Delicadas coreografias: Instantâneos de uma Terapia Ocupacional*. São Paulo: Summus Editorial, 2008.
- Cadernos artistas: livros de artista como proposta comunitária, <http://www.belasartes.ulisboa.pt/cadernos-artivistas-livros-de-artista-como-proposta-comunitaria/>, acessado em 05 de fevereiro de 2019.
- PARDIÑAS, Maria Jesus. Seminário Create, <https://sharingketchbooks.wordpress.com>, acessado em 05 de fevereiro de 2019.

SCHÖN, Donald. 1983. *The reflective practitioner*. New York: Basic Books, 1983.

Flavia Liberman

Docente do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista. Docente no programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde e no Programa de Mestrado Profissional em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista.  
Endereço: Rua Silva Jardim, 136, Santos, SP, CEP 11015-020  
E-mail: [toflavia.liberman@gmail.com](mailto:toflavia.liberman@gmail.com)

Marcia Machado de Moraes

Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde na Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista.  
Endereço: Estrada Taguaí, 395, Carapicuíba, SP, CEP 06342-000  
E-mail: [marcia.machado.de.moraes@gmail.com](mailto:marcia.machado.de.moraes@gmail.com)

Viviane Santalucia Maximino

Docente no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista.  
Endereço: Rua Silva Jardim, 136, Santos, SP, CEP 11015-020.  
E-mail: [vivimax9@gmail.com](mailto:vivimax9@gmail.com)